

## MULHERES DE JOSÉ LINS EM *MENINO DE ENGENHO*

Antonio Cleonildo da Silva Costa; Maria Edileuza da Costa.

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN.*  
cleonildo.costa@ifrn.edu.br

### Resumo

Seria comum investirmos tão somente em uma análise narrativa de José Lins do Rego, pautando nossa âncora interpretativa pelo olhar do narrador, já que é o menino Carlinhos em *Menino de Engenho* que conduz as rédeas da história a partir das memórias que reúne. Contudo, a rememoração do menino é toda ela fomentada em uma gama de espaços femininos, os quais constroem sensações, expectativas, vontades, afetos; uma subjetividade peculiar à obra. Nesse reduto discursivo, encontramos a possibilidade de enveredar pela análise literária, com a intenção de investigar a identidade refratada na tradição e na modernidade por meio de descompassadas vozes femininas no romance supracitado. Desse modo, mesmo em romances de autoria masculina e de tendência machista, buscaremos compreender as mulheres construídas por Lins do Rego, as quais, inseridas no *ciclo da cana de açúcar*, gritam silêncios, silenciam dizeres e protagonizam mesmo sendo secundárias.

**Palavras-chave:** Mulheres, José Lins do Rego, identidade.

### INTRODUÇÃO

A leitura do romance de José Lins do Rego – *Menino de Engenho* – direciona a uma produção de escrita memorialista e ficcional que inicia uma temporalidade espacial do ciclo da cana de açúcar na região nordestina da Paraíba. O meio, pois, é, como lembra Antônio Cândido (2000), determinante, juntamente com os efeitos práticos que a obra provoca no indivíduo, modificando sua concepção de mundo.

É, pois, entre os engenhos e as casas dos senhores que o enredo do romance é construído. É nesse espaço que a figura feminina surge aparentemente tímida e desprovida de foco narrativo. Contudo, há um interstício nas ações do menino Carlinhos que muda essa perspectiva e faz com que a figura feminina não só apareça, como também exerça papel fundamental para a constituição de toda a história.

A rememoração do menino é toda ela fomentada em uma gama de espaços femininos, os quais constroem sensações, expectativas, vontades, afetos; uma subjetividade peculiar à obra. Nesse reduto discursivo, encontramos a possibilidade de enveredar pela análise literária, com a intenção de investigar a identidade refratada na tradição e na modernidade por meio de descompassadas vozes femininas no romance supracitado. As mulheres construídas por Lins do Rego

gritam silêncios, silenciam dizeres e protagonizam mesmo sendo secundárias.

## **METODOLOGIA**

O dia a dia dos pesquisadores têm demandado tempo e esforços mais empenhados na busca por instrumentos metodológicos adequados aos seus trabalhos. Conceituações e orientações sobre pesquisas são, para muitos estudiosos, o desafio do momento. Ao que aduz Antônio Joaquim Severino (2007), pensar na construção do conhecimento ao fazer ciência, é procurar entender antes de mais nada a epistemologia, a metodologia e a técnica envolta à pesquisa desempenhada.

Nossa pesquisa é bibliográfica, pois parte da leitura, interpretação e análise de um romance que já vem sendo estudado pela crítica literária desde o seu lançamento. A narrativa supracitada nos conduz a outras leituras teóricas com as quais analisaremos o corpus – Sinhazinha, Tia Maria e Zefa Cajá. Sobre os paradigmas epistemológicos, entendemos que a relação sujeito/objeto deve ser esclarecida já que o leitor, tendo a nossa representatividade, determinará os resultados da análise inferida.

Quanto à técnica usada para a presente pesquisa, pelo que diz Severino (2007), se constituirá de uma documentação. A análise de um texto propiciará um outro texto e este por sua vez, um documento de cunho acadêmico-científico. Ademais, Bergez (et. al., 2006, p. 10) ao se referir ao tratamento analítico do texto literário, completa: “Em todas essas situações, a literatura é objeto de discurso, de avaliação e de julgamento”.

A partir da proposta desta investigação, que parte do discurso literário, sugerimos uma rebuscada revisão teórica que servirá de aporte para as categorias de análise em questão. Não podemos, contudo, esquecer o que lembra Foucault (2009) sobre as nuances discursivas. Para ele os discursos ao mesmo tempo que contribuem para os objetos de que falam, participam também da construção do real. Será de uma utilidade promissora apresentar o discurso das personagens femininas de José Lins do Rego. Esperamos estar contribuindo, através desta proposta, com os estudos identitários, discursivos e literários.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensemos a literatura como um meio “criativo” e “imaginativo”. É o que prescreve Terry Eagleton (1994, p. 5) quando diz que para analisarmos textos literários devemos nos aproximar de discursos variados e complexos, “diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação.”. Além do mais, a literatura constrói objetos autônomos com estrutura e significado; é emoção quando manifesta sentimentos de determinados indivíduos; e é conhecimento, ao entrar na nossa vida de forma difusa e inconsciente.

Constatada a nossa necessidade por literatura e, levando em conta as funções que as delineiam, chegamos ao romance de José Lins do Rego, narrativa moderna por meio da qual, de antemão, nos precavemos em observar a partir do estranhamento e antirrealismo da teoria do romance moderno. Sobre o exposto, Teodor Adorno (2003, p. 58) aduz: “O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho”.

O que intuitivamente ou intencionalmente se constrói nas narrativas modernas são reivindicações ou meios de repelir comportamentos, atitudes e estereótipos. Isso acontece no romance *Menino de Engenho* quando Carlinhos perde a mãe: “Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu”. (REGO, 2003, p. 33). O narrador, segundo a teoria acima, funda um espaço interior e, ao criar um falso mundo, dar aos personagens a oportunidade de viver a estranheza do sentir e do perceber essa instância, sendo a figura feminina da mãe uma forte expressão motivadora para tal.

O artista não contempla sua artimanha de qualquer jeito, mas para Cândido (2000) sente um impulso interior e orienta-se segundo a sua época, escolhe certos temas, usa determinadas formas e propõe uma síntese resultante que age sobre o meio. Neste caso, Maria, a tia de Carlinhos, será a revelação de uma sociedade machista e ao mesmo tempo solidária no que se refere a estruturas patriarcais familiares: “Agora vou ser a sua mãe. Você vai gostar de mim. Vamos, não chore. Seja homem”. (REGO, 2003, p. 39).

É impressionante a maneira como a narrativa suprime comportamentos e endossa outros. Ao ser acolhido na casa do avô, o pequeno órfão ganha uma nova mãe, como se fosse fácil preencher a

lacuna de um trauma pessoal e coletivo. Além de aceitar o ditame social que lhe é imposto, ter outra mulher como sua genitora, não pode, através do choro, demonstrar a sua dor, vindo da voz feminina o reforço machista de que para ser homem não se pode expressar sentimentos.

O exposto faz pensar sobre o romance como epopeia burguesa e em consonância com os fatos da narrativa de Lins do Rego, Lukács (1999, p. 101) afirma: “Quanto mais o romance se transforma numa representação da sociedade burguesa, em sua crítica e autocrítica criadora, tanto mais claramente nele ressoa o desespero que é provocado no artista pelas contradições, para ele insolúveis, da sociedade em que vive”. Carlinhos se sentia só. Os braços da tia, contudo, lhe foram restituindo a paz do aconchego da mãe e trazia também o ranço de uma sociedade em que homem não chora; um espaço permeado pelo patriarcado arbitrário.

O que acontece, não obstante ao já dito, é uma degradação do mundo quando, principalmente nos romances ocidentais do século XIX, há uma busca inautêntica de valores autênticos em uma sociedade individualista, fazendo com que críticos como o francês Goldmann (1976) chegasse a pensar o romance pelo idealismo abstrato, psicológico e educativo. Para ele “o romance é a história de uma busca degradada (a que ele chama “idólatra”) de valores autênticos, por um herói problemático, num mundo degradado.”. (GOLDMANN, 1976, p. 10).

A figura do herói problemático está, justamente, em uma outra mulher da narrativa que, divorciada do dr. Quincas, homem rico da região, passa a morar na casa do avô de Carlinhos como agregada e busca ter valores autênticos em meio a uma vida “degradada” socialmente. Entretanto, é ela quem toma conta da casa. “Com ela estavam as chaves da dispensa, e era ela quem mandava as negras no serviço doméstico” (REGO, 2003, p. 44).

Sinhazinha, assim como tia Maria, carrega em si a contradição do ser feminino fomentada pela sociedade que a constitui e da qual faz parte. Divorciada, esta mulher é vista pela sociedade como um ser problemático, afinal a narrativa deixa implícito que nem o marido a suportou. Porém, é esta máscara de severidade que a faz dar ordem aos negros e a todos da casa do senhor José Paulino. Sua força feminina é notória, porém camuflada pelo pensamento machista de que a mulher deve se espelhar na ordem social vigente, aquela em que o feminino é

sempre a penumbra para a luz radiante que possui o masculino.

Nessa ótica, a par de como se configura o romance moderno, entendendo-o também a partir de Massaud Moisés (1997, p. 159), como “espelho fiel dum povo, a imagem fiel duma sociedade”, pensemos no que esclarece o mesmo autor sobre os sentidos do texto literário quando o lemos. A partir dele, preparemo-nos para entender que “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade de leitura seja significativa”. (MOISÉS, 2008, p. 27).

A proficiente leitura da obra literária em análise e as prerrogativas de José Lins do Rego, nos fez chegar às palavras do texto pelo ecoar de vozes femininas. Nesse caso, a multiplicidade do mundo que a obra nos verteu veio pelo descompasso de vozes das mulheres do século XIX, a partir do discurso identitário que se representam através das personagens supracitadas.

Não é de agora que a literatura pensa sobre o feminino. Desde que se configurou como ciência, tem proposto trabalhos que, para Zolin (2003, p.162), tenta “romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem.”. A crítica feminina, por essa ótica, esforça-se para desconstruir a oposição homem/mulher e outras associações que lhe seja peculiar. Junto a esse esforço de desmistificar oposições de gênero, nasce também uma literatura em favor dos grupos marginalizados. Zilá Bernd (2003) ao escrever sobre a identidade nacional, chama-a de literatura dos grupos discriminados.

Nesse sentido, é interessante mencionar, pois, a figura de Zefa Cajá, conhecida como a mundana dos homens do eito. Discriminada e estigmatizada por estar a margem da sociedade, é esta mulher que torna a menino do engenho um homem, no que se refere a assuntos sexuais. “Era mesmo um vício visguento aquele dos afagos de Zefa Cajá. Saía do café para a casa dela, ia depois do almoço e depois do jantar”. (REGO, 2003, p. 142). A teoria lembra que: “[...] negros, mulheres, homossexuais – funcionam como elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentido de identidade, essencial ao ato de autoafirmação das comunidades pelo rolo compressor da assimilação.”. (ZILÁ BERND, 2003, p. 15).

É possível notar o inegável valor dado aos sujeitos reguladores da sociedade. A mulher, por exemplo, é uma das representações que organizam as relações sociais e culturais entre os seres humanos e a história. Zefa Cajá, no contexto em que se coloca, é apenas um objeto sexual para os homens daquele meio. Entretanto, através de suas habilidades e particularidades, ela consegue está fortemente presente no fazer literário narrado. Por mais subalterna que digam ser, é a prostituta, em *Menino de Engenho*, quem representa o grito das minorias e a força dos que são descartáveis nessa movimentação histórica de sua época.

Sobre o abordado acima, Manguiera (2012, p. 24) confirma: “Cada época, cada povo e cada movimento histórico registraram como essa figura foi percebida, criada e (re)configurada nas páginas da literatura.”. O problema, no entanto, não é a presença da mulher nas narrativas de ficção, mas como sua conduta de vida é interpretada; ou ainda, como temos discutido sua representação de gênero nas análises literárias.

O fato é que tendemos a reproduzir simbolicamente as concepções histórico-sociais, pelo que Marco Heleno Barreto (2008) denomina de imaginação reprodutiva. Então, “não basta apontar as relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina; é necessário, também, explicar por que as relações de propriedade foram instituídas contra a comunidade e entre os homens.”. (BEAUVOIR, 1980 apud ZOLIN, 2003, p.167). Contudo, Gaston Bachelard apud Barreto (2008, p.15) discute sobre a imaginação criadora, a qual diz ter a função de realização. Esta “transgride o jugo da realidade e lê a natureza como uma fisionomia humana móvel, fundindo o propósito de tudo o desejo e a visão, as impulsões íntimas e as relações naturais”.

## CONCLUSÕES

Mesmo a teoria da literatura, sendo, por vez, tendenciosa a uma imaginação reprodutiva da estereotipada imagem da mulher, a crítica feminina, neste trabalho, tende a adotar a imaginação criadora, levando em conta as forças da natureza que enxerga “a situação da mulher no mundo (a de oprimida)” (ZOLIN, 2003, p. 168), mas levando em conta as forças da nossa natureza, a qual Beauvoir (1980) apud Zolin (2003, p. 168) nos alerta ao “exaltar o direito de a mulher proteger os valores especificamente femininos e rejeitar a

referida 'igualdade', entendida como disfarce para forçar as mulheres a se tornarem como homens.”.

Nessa perspectiva, viabilizamos nossa investigação a partir da análise do discurso literário que compõe a narrativa de Lins do Rego. Mais especificamente, escolhemos três mulheres que estão em *Menino de Engenho*. Organizamos nossa pretensão analítica pelo que ressalta Bauman (2005, p. 35) quando afirma que não podemos fixar identidades, pois elas têm voo próprio. Ele ressalta que “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas.”.

Com esta prerrogativa, pressupomos este trabalho, em que a identidade se dá por meio das muitas formações discursivas femininas, as quais, algumas delas, “têm no silêncio o seu ponto de sustentação.” (ORLANDI, 2007, p. 15). Que o descompasso das vozes femininas, em meio às teorias até aqui apresentadas, possam nos ser úteis para entendemos o romance moderno, a identidade, a crítica feminina e a concepção de gênero ao longo da nossa formação literária.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In.: \_\_\_\_\_. **Notas de literatura**. 34. ed. Trad.: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades (2003)
- BARRETO, Marco Heleno. **Imaginação Simbólica: Reflexões Introdutórias**. São Paulo: Edição Loyola, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERGEZ, Daniel. [et al]. **Métodos críticos para a análise literária**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERND, Zilé. **Literatura e identidade Nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. In.: \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiróz, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In.: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004.
- EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? In.: \_\_\_\_\_. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Edição Loyola, 2009.
- GOLDMANN, Lucien. Introdução aos Problemas de uma Sociologia do Romance. In.: \_\_\_\_\_. **Sociologia do romance**. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- LUKÁCS, G. **O Romance como Epopeia Burguesa**. In: Revista Ad Hominem 1, Tomo III, Música e Literatura. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.
- MANGUEIRA, José Vilian. **Representações do sujeito feminino em O despertar e Riacho doce**: um estudo comparativo. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2012. 230f. Disponível em: [http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2482](http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2482). Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa I. São Paulo: Cultrix, 1997.
- \_\_\_\_\_, Massaud. **A análise literária**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 85. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thomas. (Orgs). Crítica feminina. In: \_\_\_\_\_. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Universidade do Estado de Maringá, 2003.